



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 – Sociologia da Cultura

“Trincheiras culturais” e conflitos fundiários no Acre: cultura de classe e luta contra-hegemônica dos(as) seringueiros(as) frente à expansão pecuária.

Victor Martins dos Santos Romero¹

INTRODUÇÃO

No momento em que escrevo este ensaio, acompanho através das mídias e noticiários, a luta e a vitória dos povos originários dos rios Tapajós, Madeira e Tocantins, que após uma série de mobilizações conquistaram a revogação momentânea do Decreto nº 12.600/2025. Este decreto autorizava a publicação de um edital para que empresas realizassem estudos técnicos para a dragagem e a concessão privada de hidrovias, a serem utilizadas para escoamento de soja e outros produtos do agronegócio para o exterior. Em ato recente, manifestantes indígenas e movimentos populares ocuparam por mais de 30 dias a sede da empresa Cargill, em Santarém e em São Paulo (INFOAMAZONIA, 2026).

As organizações indígenas denunciam os riscos ambientais e sociais do projeto, a ausência de consulta prévia e os impactos diretos sobre os meios de vida das comunidades que vivem no entorno dos rios. Trata-se de uma conquista exclusiva dos povos originários, fruto de

¹ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPR. Integra o grupo de pesquisa Cultura, Política e Movimentos Sociais na América Latina (CPMASAL). E-mail: victormsromero@gmail.com.

suas mobilizações e formas próprias de organização. Não se pode atribuir sequer um por cento desse recuo a uma suposta decisão voluntária do atual governo federal, como tenta fazer crer parte da mídia governista.

Diferentes lutas e organizações em defesa dos rios, da fauna e da flora, de tradições milenares, de formas de subsistências e garantias constitucionais básicas na Amazônia, não são recentes. Há séculos conhecemos os processos contínuos de violência, saque e exploração impostos sobre os territórios, povos e comunidades. Nada disso é novo. As lutas, manifestações de rua, mobilizações e ocupações seguem sendo as principais, e muitas vezes, as únicas ferramentas de resistência e sobrevivência dos povos da Amazônia.

“A história de toda sociedade até aqui é a história de lutas de classes”. Essa máxima, formulada por Marx e Engels no *Manifesto Comunista*, publicado em 1848, convoca trabalhadores e trabalhadoras a reconhecer o seu poder histórico, seu potencial revolucionário e sua capacidade de transformação social. Mais especificamente na região Amazônica, onde repousa o presente estudo, é possível observar como os movimentos históricos de acumulação capitalista se sustentam ao invocarem discursos, valores e significados que legitimam novas etapas de exploração e domínio. Conforme aponta Marx no livro *18 de Brumário de Luís Bonaparte* (2011), os fatos não se repetem na história de forma idêntica, mas são reinterpretados para sustentar novas formas de opressão e acumulação (MARX, 2011, p. 25).

Assim, o debate sobre “classes sociais” e “lutas de classes” mantém-se atual, munido de extrema importância e validade histórica. Sua relevância reside justamente na compreensão de que essas categorias não são, e não podem, ser entendidas como conjuntos fechados e acabados, mas sim como elementos em movimentos, permanentemente atualizados e reinterpretados no interior de seus processos históricos. Há também um movimento político e teórico que, sobretudo nas últimas décadas, apontam para um suposto esgotamento do conceito de classe como categoria analítica, negando à classe trabalhadora seu papel enquanto sujeito histórico e transformador,

O que mais me interessa nessa consideração, e trazendo para campo científico, é a descrição e a reflexão de momentos em que as massas tomam consciência de seu papel histórico e de sua força transformadora. Isto é, quando, por meio da constituição de uma consciência coletiva, criam novos rumos para suas histórias, mesmo que confrontando circunstâncias limitantes, como um pesadelo sobre o cérebro dos vivos(as). Ao comentar acerca dos conflitos e transformações nos meios de vida de diferentes comunidades na Amazônia, abrem-se precedentes para aprofundar a análise de como tais processos alteram, transformam e, ao

mesmo tempo, fortalecem práticas e manifestações culturais, bem como formas de consciência que consolidam os coletivos em seus processos de luta emancipadora.

Neste contexto, busco descrever e compreender mais um desses episódios de resistência e luta na Amazônia. Assim, o presente ensaio, elaborado inicialmente como requisito de avaliação para a disciplina *Cultura e Sociabilidades* ministrada pelo professor Rodrigo Czajka pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPR, e adaptado para o GT Sociologia da Cultura do 13º Seminário Nacional de Sociologia & Política, tem como objetivo apresentar a estrutura de investigação do objeto de pesquisa da minha tese, dedicada à análise do processo de formação de uma cultura de classe entre os(as) seringueiros(as) no Acre, em meados da década de 1970. O material empírico consiste na análise histórica de um processo de conscientização e cristalização dos(as) seringueiros(as), buscando compreender, a partir das práticas e representações artístico-culturais produzidas no interior das experiências de resistência e das vivências compartilhadas por esse grupo de trabalhadores(as), a reação consciente à expansão da pecuária na região do Alto Acre².

O recorte temporal concentra-se no período entre 1975 e 1985, com foco na região do Alto Acre, especialmente nos municípios de Brasiléia e Xapuri, e pretende ter como desfecho o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em 1985, na Universidade de Brasília. Esse encontro nacional, organizado pelos seringueiros(as) dos sindicatos acreanos, representa um momento de síntese política e de projeção nacional das lutas acumuladas ao longo da década, destacando a organização e consciência coletiva construído pelos trabalhadores e trabalhadoras extrativistas. Trata-se de um período marcado por intensos conflitos fundiários, que tensionaram e impactaram profundamente um modo de vida, bem como as relações sociais e culturais na região.

Compreende-se que os elementos a serem analisados indicam um processo de conscientização de classe e de cristalização política de um momento social e histórico, resultante de uma trajetória de lutas, resistência, experiências compartilhadas e formas de ação coletiva nos seringais acreanos, em oposição conflitiva à consolidação de uma *hegemonia cultural do gado* — assim denominada por mim — no estado do Acre.

As informações, dados, recursos e materiais a serem analisados provêm da investigação dos seguintes acontecimentos históricos: a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, em 1975; e os *empates*, compreendidos como práticas coletivas de resistência frente

² A divisão territorial do estado do Acre está organizada em duas mesorregiões, nomeadas a partir da geografia e da localização em relação aos principais rios: Vale do Acre, que compreende as regionais Purus, Baixo e Alto Acre; Vale do Juruá, que abrange as regionais Juruá e Tarauacá-Envira (ACRE, 2006).

ao avanço da fronteira pecuarista e à grilagem de terras. No que se refere aos *empates*, a análise concentra-se na ação ocorrida no Seringal Carmem, em Brasília, no ano de 1976, marco essencial no processo de resistência coletiva na região. Esses dois momentos, tomados como objetos fundamentais de análise, são assimilados a partir dos conflitos estabelecidos na região do Alto Acre, inserindo-se em um processo mais amplo de resistência à expansão do capitalismo pecuário e à consolidação de uma *hegemonia cultural do gado* no estado.

Em um segundo momento, que se configura como eixo central da pesquisa, analisarei algumas produções artísticas e culturais vinculadas a esse contexto de conflitos, buscando evidenciar o embate cultural entre diferentes valores, práticas e modos de vida, entendido como parte de uma disputa pela produção de sentidos e pela legitimação social no campo. De um lado, os(as) seringueiros(as) e seus modos de vida de relação próxima com a natureza, frequentemente classificados como “atrasados” e “arcaicos”; de outro, a consolidação de uma nova cultura, com valores e práticas associados à atividade pecuarista, sustentada por um discurso de “progresso” e “desenvolvimento” que se afirmam como dominante.

Destaco, nesse ponto, um conjunto de obras, ainda a ser delimitado, do multiartista e seringueiro Hélio Melo (1926–2001), nas quais, a partir de sua experiência vivida nos seringais e do caráter de denúncia presente em suas produções artísticas frente ao avanço do gado e da grilagem de terras, são elaboradas, na pesquisa, como expressões culturais de resistência contra-hegemônica. Com o objetivo de explorar com mais profundidade analítica diferentes práticas e manifestações culturais e artísticas dos seringueiros(as) no período e contexto em questão, encontra-se em processo de inspeção e avaliação outras materiais a serem investigados.

Analisarei, ainda, o evento agropecuário *ExpoAcre*, interpretado enquanto uma hipótese na pesquisa, como um dos principais mecanismo de afirmação e reprodução simbólica e cultural da hegemonia do gado no estado. Nesse caso, o foco da análise recairá sobre as intervenções e apresentações artísticas e musicais, como também a premiação *Rainha do Rodeio*, ritual de consagração de valores associados à cultura pecuarista.

DESENVOLVIMENTO

A investigação mobiliza conceitos e categorias como cultura, classe, hegemonia e contra-hegemonia, tomando como referências centrais as contribuições de Raymond Williams, E. P. Thompson e Antonio Gramsci, cujas formulações compõem o arcabouço teórico-conceitual fundamental para a compreensão histórica e social do objeto. Neste ensaio, não pretendo desenvolver de forma aprofundada tais referenciais, mas apenas indicar os principais

fundamentos teóricos e conceitos que orientam a pesquisa. Apenas, uma justificativa inicial do porquê mobilizo esses conceitos, categorias e autores.

Ao eleger como eixo de análise as relações entre cultura, classes, conflitos, hegemonia e práticas de resistência, ou seja, categorias articuladas em um processo histórico-social complexo e específico, encontro no conceito *cultura de classe*, uma chave analítica para a observação e leitura crítica acerca do meu objeto de investigação. Edward Palmer Thompson, em sua obra *A formação da classe trabalhadora inglesa*, entende-se por classe um fenômeno histórico que ocorre efetivamente nas relações humanas e sociais. Ou seja, não podemos considerar a categoria da classe enquanto uma instituição dada, algo estático, mecânico, mas sim uma prática dinâmica, um processo complexo de realizações de experiências. Ainda segundo o autor, a classe acontece quando algumas pessoas, como resultado de experiências comuns, sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si contra outros interesses diferentes dos seus. Thompson afirma que não podemos entender a classes a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só pode ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico. Portanto, a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais e surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma (THOMPSON, 1987, p. 09 a 11).

A cultura, conceito analítico fundamental da pesquisa, é entendida como todo um modo de vida, valores, significados e experiências de um determinado grupo ou organização social. Não pode, a não ser em casos específicos, semelhante ao raciocínio e entendimento da categoria da classe, ser compreendidos enquanto uma categoria vazia, abstrata e generalizada, determinada e nem determinante de nenhuma outra esfera da vida social. O que se busca, ao longo da investigação do objeto aqui apresentado, é apreender as relações e os processos específicos que se estabelecem entre esses diferentes elementos, e não separá-las em modalidades ou segmentos analíticos rígidos e indissociáveis entre si. Em outras palavras, conforme nos alertou Thompson acerca das classes sociais, não podemos entender a classe social enquanto uma coisa, algo estático, mas sim enquanto uma **relação**, um **processo**.

Cabe a nós, sociólogos(as) e pesquisadores(as), realizar uma descrição e análise da totalidade do processo histórico em investigação, considerando seus conflitos sociais e as disputas ideológicas que o atravessam, bem como as formas pelas quais tais elementos se complementam, se transformam e se adaptam no curso da do movimento da experiência histórica.

Nessa perspectiva, a noção de hegemonia de Gramsci permite compreender a cultura como um campo de disputas inscrito em processos históricos concretos. No Acre, sobretudo a partir da década de 1970, a expansão da pecuária articulou-se à construção de uma hegemonia cultural, que se expressou não apenas na reorganização do território e das relações de trabalho e produção, mas também na afirmação simbólica de determinados valores e significados associados ao progresso e ao uso da terra para atividades pecuárias. A *ExpoAcre* constitui, nesse sentido, um dos principais espaços de materialização desse processo hegemônico. Em contraposição, as ações empreendidas pelos(as) seringueiros(as) do Alto Acre, como os *empates* e suas produções artísticas e culturais, configuram práticas contra-hegemônicas por meio das quais experiências, valores e modos de vida vinculados aos seringais foram compartilhados e mobilizados como formas de resistência e organização coletiva.

Ao eleger como objeto de análise o processo de construção, conscientização e cristalização de uma cultura de classe entre os(as) seringueiros(as) do Alto Acre, deparei-me com dúvidas e interrogações iniciais e fundamentais acerca do processo a ser estudado. Em especial, questiona-se de que maneira, e em que medida, elementos culturais, como práticas, valores e significados compartilhados, estiveram presentes de forma consciente ou progressivamente elaborada nas experiências desses trabalhadores(as). Pretendo compreender como a percepção sobre suas próprias práticas culturais e a resistência a uma prática dominante, associada à expansão da pecuária, foram se constituindo historicamente e se mantendo ativas como elementos de mobilização, organização e ação coletiva.

A fim de apreender de maneira mais aprofundada os processos de organização e conscientização coletiva entre os seringueiros(as) da região do Alto Acre, a pesquisa terá como ponto de partida analítica a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, criado em 1975³. Contextualizando-os no seu processo histórico e social, além de apontar as organizações envolvidas, pretendo também registrar em forma de memória alguns dos principais personagens e líderes. Como por exemplo o líder sindical e seringueiro Wilson Souza Pinheiro (? – 1980), cofundador do referido sindicato e assassinado com três tiros nas costas na

³ O surgimento do sindicato ocorre em um contexto de intensificação dos conflitos fundiários no Acre, diretamente vinculado à incorporação da região à política desenvolvimentista do regime militar, orientada pela expansão territorial da pecuária. A valorização acelerada da terra, adquirida a baixos preços por investidores e especuladores, impulsionou a conversão dos seringais em fazendas de gado extensivo, sobretudo por proprietários oriundos do centro-sul do país. Esse processo implicou a expulsão sistemática dos seringueiros(as), estratégia fundamental para impedir o reconhecimento de seus direitos de posse. A situação agravou-se com o loteamento e a venda dessas áreas a colonos do sul, deslocados pela mecanização agrícola e pela construção da Usina de Itaipu, intensificando os conflitos com populações que habitavam a região há gerações. A expulsão dos trabalhadores, a ausência de alternativas de trabalho urbano e a crescente concentração fundiária em latifúndios criaram as condições para o surgimento de movimentos de resistência no Acre (ALLEGRETI, 2002, p. 214).

sede do sindicato no dia 21 de julho de 1980. Os mandantes do crime foram o capataz da fazenda Nova Promissão, Nilo Sérgio de Oliveira, assassinado por um grupo de seringueiros no dia 27 de julho como vingança, como também o fazendeiro de Boca do Acre conhecido por Narciso. Os autores do crime foram José Antônio Prado, o “Paraguaio” e o pistoleiro Manoel Pereira dos Santos, “Manelinho”, que receberam algo em torno de Cr\$ 600 mil pelo assassinato (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 1987). A partir dos registros e da memória de Wilson Pinheiro, a pesquisa buscará compreender sua atuação junto ao sindicato, os processos de luta e conscientização coletiva dos seringueiros(as), bem como sua inserção no movimento camponês regional e nacional, dimensões fundamentais para a análise do objeto⁴.

Acredito ser de extrema validade analítica um estudo um pouco mais aprofundado de duas organizações sociais fundamentais, não apenas para o surgimento dos Sindicatos, mas também para a conscientização dos seringueiros(as) acerca de suas força coletiva e de seus direitos definidos pela legislação agrária. São eles: As Comunidades Eclesiais de Base da Prelazia do Acre e Purus (CEB’s) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)⁵, que orientou e conscientizou os seringueiros(as) acerca de seus direitos enquanto posseiro, de acordo com o Estatuto da Terra.

As Comunidades Eclesiais de Base tiveram início no Acre em 1971, sob a orientação do bispo Dom Giocondo Grotti, que faleceu em um acidente aéreo no mesmo ano. A condução desse trabalho foi então assumida por Dom Moacyr Grechi, reconhecido nacionalmente por sua atuação em defesa dos seringueiros(as) e das populações da Amazônia, e extremamente influenciado pela Teologia da Libertação. A experiência das CEB’s surgiu inicialmente nas periferias da capital acreana e, em seguida, expandiu-se rapidamente pelos seringais do estado do Acre. Ainda em seu primeiro ano de atuação, a Prelazia do Acre e Purus já contabilizava cerca de mil grupos de evangelização, 1.200 monitores (lideranças comunitárias) e 130 grupos comunitários organizados. Mais que um espaço e momento de orações e atividades eclesiais, as reuniões serviam também para reflexões, denúncias e trocas de informações sobre os conflitos relacionados às disputas por terras (BASILIO, 2019, p. 145-148).

⁴ A partir do caso de Wilson Pinheiro, entre outros(as), a pesquisa localiza o papel fundamental de líderes intelectuais no processo de construção de uma cultura de classe dos seringueiros(as). Ou, conforme apreendeu Antonio Gramsci, a figura de um *intelectual orgânico*, ou seja, aqueles(as) que amplificam e intensificam vozes e interesses coletivos em comum, auxiliando na construção e na luta ativa de um processo contra-hegemônico, configurando assim uma nova identidade política-cultural.

⁵ Criada em 1963 com o objetivo de congregar os sindicatos rurais já existentes e organizá-los. No Acre, as primeiras iniciativas foram a instalação de uma delegacia e um curso sobre formação sindical e legislação agrária. Esse curso orientou e foi o pontapé inicial na organização sindical dos seringueiros(as) em Brasília.

Em uma matéria publicada no jornal *O Varadouro* em 1981, acerca da atuação junto aos seringueiros(as) e as bases populares, podemos definir assim o propósito do surgimento das CEB's no Acre:

“Formada por gente simples, pobre e explorada, a nova igreja que nasceu no Acre, nasceu com a fé comprometida com a luta do povo. No início, antes mesmo que surgissem os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, as Comunidades de Base já enfrentavam o problema da terra, que começou a surgir, no Acre, com a chegada dos compradores do Centro-Sul do país. Quando chegaram os sindicatos, o terreno já estava preparado. (...) Ao longo desses anos todos, as comunidades de base e sindicatos, inventaram e reinventaram suas formas de resistir e lutar contra a ganância dos “paulistas” de olho grande em suas terras” (*O Varadouro*, 1981).

Mais do que mencionar a relação e a importância concreta das CEB's para a formação dos sindicatos e os *empates*, sua análise aprofundada poderá servir de extremo valor na investigação de documentos e dados, como também auxiliar na compreensão dos elementos e fatores que contribuíram para a formação de uma cultura de classe entre os(as) seringueiros(as). De que forma posso aproximar o estudo do objeto com as CEB's e a presença concreta e fundamental da Teologia da Libertação? Quais as relações entre o plano pastoral e as ações políticas, sociais e culturais? Como ocorreu a articulação na formação política, na produção de uma consciência coletiva e no fortalecimento das lutas? É possível aproximar, através da presença de lideranças orientadas pela Teologia da Libertação, as ideias do marxismo com o processo de coletivização dos seringueiros(as)?⁶

Em um segundo momento, os *empates* assumem papel central de análise, uma vez que, enquanto experiência histórica de resistência coletiva, permite apreender os processos pelos quais trabalhadores(as) extrativistas elaboram interesses comuns, constroem formas próprias de organização e ação coletiva, construídas em seus modos e sentidos de vida. Nota-se, que, entre meados das décadas de 1970 e 1980, os *empates* configuraram-se no Acre como uma das principais e mais notáveis estratégias de resistência dos(as) seringueiros(as) ao avanço do capitalismo pecuário, do desmatamento, da invasão latifundiária e dos conflitos.

Nesta ação coletiva, todas as pessoas que moravam e trabalhavam no território reivindicado postavam-se ao redor das áreas a serem desmatadas, com a finalidade de evitar a derrubada. Corajosamente, buscavam o diálogo e a negociação com grileiros e fazendeiros,

⁶ Ainda no que diz respeito às fontes de pesquisa, o Livro de Tombo da Paróquia de Brasiléia, assim como os registros da Diocese da Ordem dos Servos de Maria, podem oferecer valiosos dados e relatos das articulações entre as atividades das comunidades eclesiais e os seringueiros(as). Outra referência fundamental é o livro *Deus e o homem no inferno verde: quatro meses de convivência com as CEB's do Acre* (1980), escrito por Clodovis Boff, um dos pioneiros da Teologia da Libertação no Brasil, juntamente com seu irmão Leonardo. A obra relata os intensos trabalhos desenvolvidos no estado junto aos seringueiros(as), bem como os conflitos na região e as ações das Comunidades Eclesiais de Base.

diante de peões, motosserras, pistoleiros e do ódio contra a floresta. O primeiro empate foi realizado em março de 1976 no Seringal Carmen, no município de Brasiléia, próximo à fronteira com a Bolívia. As famílias que moravam no seringal se reuniram em defesa da invasão e do desmatamento de suas terras, que estava sendo realizado por peões contratados pelos novos fazendeiros. Esse episódio iluminou e incendiou diversas outras ações de resistência dos seringueiros(as) à expulsão de suas posses pelo Acre (ALLEGRETTI, 2002, P. 235).

Mais que uma prática coletiva de resistência e conscientização, compreendo os *empates* enquanto uma cristalização, uma concretização material da luta dos seringueiros(as) em oposição à invasão de fazendeiros do sul e sudeste e sua “bagagem” de expropriações e violências. Conscientes de seus direitos, munidos de uma estratégia política e da força coletiva, os *empates* podem representar o início de uma luta consciente de uma classe e dos antagonismos enfrentados. Deve-se considerar, também, que o que estava em jogo e em negociação era a manutenção, além das terras que reivindicavam, de seus modos de vida, de suas práticas diárias de subsistência, de seus valores, ideais e significados — ou seja, de sua cultura, uma *cultura seringueira*.

Há uma vasta e consistente bibliografia que narra e descreve os *empates* no Acre: teses, monografias, publicações científicas, documentários, livros etc., todas de grande valor investigativo para a pesquisa. A tese de doutorado intitulada *A construção social de políticas públicas: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros*, defendida pela antropóloga Mary Helena Allegretti em 2002, pela Universidade de Brasília, será uma das principais fontes de pesquisa da tese no que refere-se a este tema⁷.

Ao situar os conflitos sociais e as estratégias de resistência dos seringueiros(as) no Acre, em um segundo momento da pesquisa passo a analisar o que denomino aqui como *trincheira cultural*, ou seja, como os conflitos entre seringueiros(as) e a expansão da pecuária atuaram no campo de disputa de valores simbólicos, culturais e artísticos. Denomino *trincheira cultural* por entendê-la como um espaço no qual as práticas simbólicas, culturais e artísticas dos

⁷ Para além da autoria de importantes e valiosos estudo sobre a organização histórica dos(as) seringueiros(as), Allegretti desempenhou um papel fundamental nessa luta de forma concreta. A partir de 1978, acompanhou de perto as mobilizações dos(as) seringueiros(as), sobretudo ao lado do líder sindical Chico Mendes, destacando sua atuação no *Projeto Seringueiro*, a primeira iniciativa de educação voltada aos seringueiros(as). O material didático do projeto, denominado *Poronga*, foi elaborado a partir de sua dissertação de mestrado, realizada no Seringal Alagoas, município de Tarauacá. Teve ainda atuação de protagonismo na organização e realização do I Encontro Nacional dos Seringueiros, em 1985. Também fundou o Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), que viabilizou, anos mais tarde, a criação das Reservas Extrativistas. Enfim, são inúmeras as atribuições e contribuições da professora Mary Allegretti, as quais serão de grande valor analítico para esta pesquisa.

seringueiros(as) se afirmam como estratégia de resistência e de contraposição ao projeto hegemônico da pecuária.

Nesse contexto, a análise de algumas obras do artista plástico, músico, compositor, escritor e seringueiro Hélio Melo de Holanda (1926–2001) destaca-se como material analítico central para a pesquisa. Amazonense, do município de Boca do Acre, acompanhou o movimento migratório que levou trabalhadores e trabalhadoras dos estados do Nordeste e Norte para o Acre. Desde cedo, iniciou seu ofício de seringueiro no seringal Senapólis, às margens do Rio Acre, atividade que exerceu nas florestas do Acre durante 33 anos. Em 1959, migrou, juntamente com seus familiares, para a capital, Rio Branco. Lá, realizou diferentes trabalhos como catraieiro, barbeiro ambulante e vigilante noturno (GUSMÃO et al., 2021, p. 14).

Entretanto, a experiência histórica vivida como seringueiro nos seringais do Acre, o compartilhamento de um modo de vida e a incorporação, ao universo simbólico, de seres místicos e encantados constituíram os fundamentos e valores de uma identidade cultural e artística, socialmente produzida, que ultrapassou as fronteiras do Acre e se projetou no cenário nacional e internacional. Nota-se que Hélio Melo vivenciou as transformações econômicas, sociais e culturais em torno da produção da borracha no Acre e, embora tenha se transferido para Rio Branco antes do acirramento das transformações e dos conflitos ocasionados pelo avanço da fronteira capitalista pecuária, permaneceu politicamente ativo e ao lado de seus companheiros(as) nos seringais do Alto Acre. Podemos observar na figura 1 uma ilustração de sua autoria para a capa do jornal *O Varadouro*⁸ de 1979, na qual se evidencia uma característica notável de suas produções artísticas - a denúncia da invasão do gado nos seringais, da expulsão das famílias que neles habitavam e a transformação da paisagem, representada pela representação de uma seringueira cortada.

Em *A visita da vaca*, de 1994 (figura 2), pertencente ao acervo da Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, em Rio Branco, Hélio Melo emprega nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão como recursos técnicos para representar a figura de uma vaca/gado invadindo e expulsando uma família de seringueiros(as) de suas terras. Na imagem, é possível observar esse “ser invasor” quase como uma figura diabólica, dotada de aspectos e apetrechos peculiares. O que a data de 1972, inscrita na bolsa dessa representação invasora, sugere? O mesmo “ser invasor”, assim como o contexto social que ele simboliza, reaparece em *Caminho sem destino*, de 1995 (figura 4). A vaca apropria-se daquilo que pertencia aos seringueiros(as) – suas terras,

⁸ Importante material de pesquisa. Apresentarei com mais detalhes no final desta seção de desenvolvimento.

casas, plantações e cultura. Repousa e permanece, assim, a imagem da destruição, do desmatamento e da configuração de um novo cenário nos seringais.

Suas obras foram expostas em algumas cidades brasileiras, totalizando mais de 79 mostras pelo país, com destaque para a participação na 27ª Bienal de São Paulo, em 2006, a convite da curadora Lisette Lagnado e José Roca. Sua primeira exposição fora do Acre ocorreu em 1979, na cidade de Brasília, durante a 27ª Feira dos Estados, por convite do então governador acreano, Geraldo Mesquita. Já sua estreia no circuito internacional data de 1986, com participação no *Nuevo Salon de Paris*, na França. Destacam-se, ainda, a viagem e exposições no *Smithsonian Institution*, em Washington, em 1988, bem como os três meses de itinerância nas cidades italianas de Verona, Luca, Florença, Pescara e Roma, no ano de 1989 (GUSMÃO et al., 2021, p. 16).

A partir da análise de suas pinturas, a pesquisa poderá evidenciar aquilo que compreendo como um processo contra-hegemônico, marcado pela exaltação da cultura dos seringais enquanto afirmação de uma classe social, representando suas dificuldades diárias da labuta e de seus modos de vida. Nota-se, de forma preliminar, que as obras de Hélio Melo, buscou rebater, criticar e problematizar a figura do seringueiro(a) enquanto pobres, preguiçosos, rústicos e atrasados. Mas sim denunciar e lembrar o histórico de trabalhadores(as) de luta, munidos de uma cultura de relação singular e respeitosa com a floresta e seus seres. Suas obras, portanto, representam uma expressão dessa cultura de classe a ser investigada, evidenciando as formas de resistência e de disputa simbólica e de valores⁹.

Como informado no início deste ensaio, no esforço da investigação de outros elementos e práticas culturais nos seringais acreanos que permitem aproximar consciência histórica, luta coletiva, práticas de resistência práticas artísticas, pretende-se incluir também os poemas e cordéis de Elias Rosendo (1925-2018), seringueiro, cofundador e primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília. Figura emblemática da resistência ao lado dos companheiros e companheiras seringueiros(as), também teve um papel atuante na política partidária, sendo um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Acre, do qual se candidatou como vice-governador em 1982.

⁹ No que se refere aos procedimentos metodológicos, ainda se faz necessário delimitar de que maneira será realizada a pesquisa e a análise de suas obras. Faz-se necessária a visita *in loco* ao seu acervo artístico? A análise será realizada diretamente sobre as obras ou a partir da vasta documentação digital existente? Talvez, propor um levantamento mais atual e organizado de suas produções, selecionando aquelas que dialogam com o tema proposto e discutido na tese?

Foi eleito o primeiro presidente do STR's de Brasília no ano de 1975, função que ocupou até 1977, passando o cargo a Wilson Pinheiro. O próprio Elias, em uma reportagem assinada por ele no jornal on-line *xapuri.info*, conta acerca da situação que o afastou do cargo no sindicato. Após acolher denúncias de trabalhadores(as) sobre maus tratos recebidos por um médico e capitão do exército, que trabalhou no Hospital de Brasília, Elias denunciou-o à polícia militar. Ao invés de ser amparado, ou de se abrir uma investigação sobre o caso, o seringueiro e líder sindical foi ameaçado. Amedrontado, passou a frequentar pouco o sindicato. Ou, como ele mesmo afirma: “*O pessoal falava que eu não aparecia porque era farrista, mas o que aconteceu comigo foi medo mesmo*” (XAPURI.INFO, 2026). Após essa situação, Wilson Pinheiro assume o cargo.

Além da luta dos seringueiros(as) e do envolvimento político com o sindicato e o Partido dos Trabalhadores, Elias também se fez reconhecido e admirado por sua produção literária, especialmente poemas e cordéis. Encontra-se, em sua produção, a elaboração literária das lutas e dos enfrentamentos travados contra os fazendeiros. Poucas informações e materiais foram localizadas por meio da pesquisa em acervos e outras bibliografias disponibilizadas na internet. Tendo em vista a relevância da análise de sua produção artística, incluirei, em minha pesquisa de campo no Acre uma inspeção *in loco* deste material. Em seu cordel *Vida e morte do sindicalista Wilson de Souza Pinheiro*, Elias Rosendo apresenta o percurso e percalços da trajetória do líder assassinado em 1980 na sede do sindicato, em Brasília.

O governador da época

FRANCISCO VANDERLEI DANTAS

Que deu guarita os sulista

Comprar as terras de tantas

Não olhou quantas famílias

Ficava sem suas plantas

Foi grandes levar e grupos

Gente até do Paraná

De Londrina e Maringá

Do Espírito Santo e Goiás

Começou gerar conflitos

Reforma nem imaginar

[...]

Nesta época os fazendeiros
Tinham preocupação
Vendo tanta exigência
Por desapropriação
Parava até derrubada
Enquanto havia solução

Pra terminar a história
Do Wilson em sua jornada
A raiva dos fazendeiros
Por parar suas derrubadas
Pagarão dois pistoleiros
Nesta casa tombada

Foram duas senas tristes
Na década de 80
Perca de dois companheiros
Que tanto ajudava a gente
De Brasília foi Wilson
De Xapuri Chico Mendes

Morreram com influência
De proteger a floresta
Na década de uns dez anos
Tava ficando um deserto
Só ronco de motosserra
Em todas as matas direto
(ROSENDO, 1998, p. 2, 5-6)

O gado, a valorização da figura do caubói e toda sua indumentária associada às noções de “progresso”, “modernidade” e “desenvolvimento”, serão representada e analisada na pesquisa a partir da feira de exposição agropecuária *ExpoAcre*, organizada pelo governo

estadual em parceria com setores privados e que, em 2025, completou sua 50ª edição. Nesse sentido, a feira constitui um espaço para apreender a historicidade dos símbolos e discursos que acompanharam a expansão da pecuária no Acre e a construção de determinadas imagens de “modernização” regional. Pouco pude encontrar sobre referências que descrevam com mais detalhes os eventos e atrações artísticas culturais das edições passadas da feira.

Sabe-se da presença de algumas atrações musicais, como Sidney Magal, Milionário e José Rico, Cezar e Paulinho e Wilson e Soraia, nas décadas de 1980 e 1990, assim como, mais recentemente, das duplas Bruno e Marrone, Zezé Di Camargo e Luciano, além de Marília Mendonça e Léo Santana. Na figura 3 podemos observar a partir de um cartaz de divulgação a 19ª edição da ExpoAcre e a 2ª edição do Fica, a Feira da Indústria e do Comércio do Acre, que ocorreram entre os dias 5 e 13 de outubro de 1991. Nota-se, além do destaque para a atração musical do dia, o cantor Sidney Magal, uma clara referência à cultura do gado e do caubói, representada pelos chapéus e as máquinas e animais ao fundo.

A feira conta com elevado investimento estatal e privado, o que se expressa na destinação de altos cachês às atrações externas, em contraste com a desvalorização da cultura local, marcada por cachês mínimos e pela destinação à “palcos alternativos”. Me indago. Como a feira “expõe” a questão dos seringais e seringueiros(as) através das atrações culturais?¹⁰ A partir da análise das diferentes atrações, é possível obter indicativos sobre estratégias e discursos que apontam para a conformação de uma possível hegemonia cultural do gado no Acre.

Acerca das fontes de pesquisa, constitui-se como documento histórico imprescindível o jornal *O Varadouro*¹¹, importante mecanismo de denúncia e de visibilização dos conflitos

¹⁰ Aqui, posso citar um acontecimento por mim vivido. No ano de 2012, exercendo o ofício de músico, acompanhei os músicos e seringueiros(as) Antonio Pedro da Silva, Carmem da Silva e Seu Bima em um evento da *ExpoJurua*, realizado no município de Cruzeiro do Sul, na fronteira com o Peru. Participei enquanto cavaquinista e violonista no projeto musical *Baquemirim*, um trabalho de pesquisa e difusão voltado aos ritmos e às tradições musicais dos seringais, bem como do lançamento do álbum *O Baque do Acre I*. Ao chegarmos ao espaço do evento, fomos surpreendidos com a notícia de que não nos apresentariamos em um dos palcos “alternativos”, sendo direcionados a um palco minúsculo de madeira, no qual mal cabiam três pessoas, voltado para o nada e isolado do público. Ao mesmo tempo, o show principal de uma dupla sertaneja mobilizava todo o evento. A situação foi frustrante, sobretudo porque viajamos por quase oito horas de Rio Branco até Cruzeiro do Sul, em uma estrada de condições difíceis, acompanhados por senhores idosos. Após negociação, fomos acolhidos por funcionários da Fundação de Cultura do Acre e acabamos realizando a apresentação em seu estande de exposição. Tratou-se de uma situação marcada pelo descaso e pela negligência. Segue o vídeo na íntegra da apresentação:

https://www.youtube.com/watch?v=1UjMwJQ5qx4&list=RD1UjMwJQ5qx4&start_radio=1&t=1230s

¹¹ Em uma viagem de campo ao Acre, a ser realizada no segundo semestre deste ano, pretendo, além de uma pesquisa nos arquivos e acervos, entrevistar um dos fundadores de *O Varadouro*, o jornalista Élon Martins. Nascido no Seringal Nova Olinda, no município de Sena Madureira, atuou também como correspondente de *O Estado de São Paulo* na Amazônia. Sua trajetória jornalística, especialmente o trabalho desenvolvido e as publicações vinculadas à *O Varadouro*, constitui uma fonte de grande relevância para a pesquisa, tanto pela validade dos dados e informações quanto pelo registro das experiências vividas no contexto dos conflitos sociais analisados nesta pesquisa.

sociais ocorridos no Acre, sobretudo na década de 1970, em um contexto marcado pela censura sistemática à liberdade de imprensa imposta pelo regime empresarial-militar. Criado por um grupo de jornalistas acreanos comprometidos com a defesa da Amazônia e em diálogo com povos e comunidades tradicionais, o periódico circulou entre 1977 e 1981, publicando, nesse intervalo, 24 edições dedicadas à denúncia de crimes, violências e expropriações decorrentes do avanço da pecuária e de seus agentes. Recentemente, *O Varadouro* retomou suas atividades em formato digital, preservando sua missão jornalística de defesa da Floresta Amazônica e do comprometimento com os trabalhadores e trabalhadoras (O VARADOURO, s.d.).

O jornal chegou a ser considerado “subversivo” e proibido pelo então governador do Acre, Geraldo Mesquita, evidenciando para a investigação do objeto proposto, que os aparatos e estratégias de censura não podem ser compreendidos de forma dissociada das dinâmicas políticas do Acre, da Amazônia e do Brasil. Tratava-se de interesses articulados por uma estrutura política dominante e hegemônica que, no caso em questão, aponta para a atuação de oligarquias voltadas à apropriação e exploração de territórios para investimentos pecuários.

Figura 1 – Capa do jornal *O Varadouro*: “Um retrato do Acre” (1979)



Fonte: *O Varadouro*, ano II, n.17, Rio Branco, dez. de 1979

Figura 2 – A visita da Vaca, 1994



Fonte: GUSMÃO et al., 2021, p. 66.

Figura 3 – Caminho sem destino, 1995



Fonte: GUSMÃO et al., 2021, p. 33.

CONCLUSÃO

Em síntese, este ensaio buscou expor os elementos centrais que compõem a investigação de minha tese de doutorado, voltada à análise da formação de uma cultura de classe entre os(as) seringueiros(as) da região do Alto Acre, entre meados da década de 1970 e os primeiros anos da década de 1980. A partir das categorias de classe, cultura e resistência, evidenciou-se que a compreensão desse processo exige considerar o percurso histórico de construção da organização política desses sujeitos diante da nova configuração política, cultural e econômica instaurada no Acre a partir da década de 1970, marcada pela invasão pecuária e seus elementos matérias e simbólicos.

Evidenciaram-se as primeiras manifestações de conscientização, organização, estratégias e resistência frente à invasão dos fazendeiros, tendo como material empírico o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, abrangendo as demais organizações sociais envolvidas, bem como personagens centrais e a própria ação coletiva de resistência — os *empates*, prática que, a partir de sua primeira organização no Seringal Carmem, em 1976, difundiu-se por todo o estado nos anos seguintes. Tais elementos são aqui compreendidos como expressão histórica da cristalização e consolidação de uma cultura de classe.

Considerando que o conflito se deu não apenas nas configurações econômicas e nas formas de produção, mas, principalmente, no âmbito cultural, apresentei a ideia de *trincheira cultural*, isto é, um embate hegemônico e contra-hegemônico que atravessa os campos simbólicos, os valores e as concepções de vida. Como eixo analítico central da pesquisa, a análise das diferentes manifestações artístico-culturais, entendidas como expressões históricas das experiências vividas nos seringais, permitiu aprofundar essa problemática. As obras do seringueiro Hélio Melo ocupam posição central, na medida em que, por meio da análise de algumas de suas produções, evidenciam-se as transformações ocorridas no cenário dos seringais e nos meios de vida dos(as) seringueiros(as), com a invasão e a chegada do gado na região. Suas produções indicam algo para além da denúncia: revelam formas de resistência, elaboração simbólica e conscientização coletiva diante de uma realidade histórica marcada por profundo antagonismo.

Ao considerar a constituição de uma *hegemonia cultural do gado*, apresentei a *ExpoAcre* como principal expressão das ações dominantes da pecuária, dos fazendeiros,

investidores e especuladores capitalistas no estado. Para além da violência das invasões, dos assassinatos e das expropriações, a pecuária no Acre fez-se presente de forma permanente por meio da difusão de novos valores e sentidos. O evento, marcado por expressivos investimentos governamentais e de setores privados, conta, desde suas primeiras edições, com vasta programação musical, além de ornamentações e apetrechos relacionados ao universo simbólico dos caubóis e dos fazendeiros. A partir da *ExpoAcre* e desses novos elementos simbólicos, evidencia-se uma profunda transformação social e cultural no estado.

Referências

- ACRE. **Acre em números 2006**. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 2006
- ALLEGRETTI, M. H. **A Construção Social de Políticas Ambientais - Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros**. Tese de Doutorado—Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- BASILIO, Sandra Teresa Cadiolli. **A luta pela terra e a Igreja Católica nos Vales do Acre e Purus (1970–1980)**. Rio Branco: Edufac, 2019.
- DIAS, Marcos Jorge; MARQUES, Maria Letícia (org.). **Projeto Seringueiro**. Brasília: Senado Federal; Xapuri: Editora Xapuri, 2025. (Chico Mendes na COP 30, v. 3).
- GUSMÃO, Deyvesson Israel Alves et al. (org.). Hélio Melo. Rio Branco: IPHAN, 2021.
- INFOAMAZONIA. **Governo federal revoga decreto que privatizava rios da Amazônia após um mês de ocupação indígena no Tapajós**. 2026. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2026/02/23/governo-federal-revoga-decreto-que-privatizava-rios-da-amazonia-apos-um-mes-de-ocupacao-indigena-no-tapajos/>. Acesso em: 24 fev. 2026.
- MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Assassinatos no campo: crime e impunidade, 1964-1986/** (relatório do) Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. 2. Ed. São Paulo: Global, 1987.
- *O VARADOURO*. **Quem somos**. Rio Branco, s.d. Disponível em: <https://ovaradouro.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 02/02/2026.
- ROSENDO, E. **Vida e morte do sindicalista Wilson de Souza Pinheiro em Brasília**. Rio Branco, Acre, 1998.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa - a árvore da liberdade**. 4o edição ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- XAPURI SOCIOAMBIENTAL. **A vida de Chico Mendes em um Cordel**. 2026. Disponível em: <https://xapuri.info/a-vida-do-chico-mendes-em-um-cordel/>. Acesso em: 22/03/2026